

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio Vimaranes

DE

S. DAMASO

Redacção
e Administração:
Collegio
de S. Damaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario—Plinio, Buffon e Linneu, *Falcão de Lima*—Crucifige!, *Rodrigo Moreno*—Acompanhando um quadro allegorico (poesia), *A. Moreira Bello*—A igreja campestre, *Azevedo Maia*—Meditações, *P.º Antonio Hermano*—Commemorando o primeiro anniversario da fundação da Associação Leão XIII, em Guimarães (poesia), *Albano Bellino*—Educação moral e religiosa na instrucção publica, *A. C.*—Acta Mensis.

ACTA MENSIS

Publicações

Gerencia e factos relativos à Officina de S. José do Porto em 1893.—O benemerito Director da Officina de S. José apresenta-nos n'este relatório uma synthese muito clara do movimento economico, industrial e educativo d'esta nunca assaz louvada instituição. Pelos mappas de receita e despeza vê-se que a despeza em 1893 foi de 4:434\$765 reis e a receita 3:932\$145. Houve pois um deficit de reis 502\$620 que com o de 1892 eleva o deficit total a 2:206\$175 reis. O M. D. Director tem fé que a caridade publica que tão briosamente sustentou a officina durante 11 annos o ha-de auxiliar na extincção d'esse deficit.

No periodo de 11 annos que a officina já conta, têm alli procurado abrigo 183 jovens. Ao presente tem 70 que prepara para

as luctas da vida ensinando-lhes um dos 4 officios—sapateiro, alfaiate, encadernador e marceneiro—ensinando-os tambem a ler escrever e contar, desenho e musica.

Ocioso será dizer que sentimos a mais viva sympathia por estas instituições que tendendo a regeneração dos desprotegidos, pelo trabalho são realmente muito de molde para este fim de seculo.

A bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento.—O excellento relatório que temos á vista prova frizantemente o constante progresso d'esta importante bibliotheca sob todos os pontos de vista. D'anno para anno augmenta consideravelmente o numero de volumes bem como o numero de leitores o que sem duvida é um bom indicio de que tende a elevar-se ao nivel intellectual da população e de que a muito

benemerita Sociedade é deveras uma pertinaz derramadora da instrução.

Relatorio da Associação Clerical Vimaranesse.—A Direcção d'esta importante Associação dá-nos conta n'este relatório dos esforços que envidou para chamar a vida e á ordem. Parece-nos que em grande parte o conseguiu, regularizando o movimento financeiro, promovendo um novo alistamento de socios, e intervindo em varias oportunidades no movimento catholico.

Esta Associação conta 22 annos de existencia e tem actualmente 38 socios e um capital de 2:845:360 reis.

O nosso vivo desejo seria ver todo o illustrado clero vimaranense agrupar-se sob a égide d'este utilissimo instituto e assim fazer-se valer e respeitar em qualquer emergencia que pedisse o apoio de sua influencia ou de sua illustração.

O gabinete dos Reporteres.—Visitou-nos tambem este novo collega. E' bem redigido como aliás cumpre a um jornal que toma tal titulo. E' illustrado e insere artigos firmados por nomes ja consagrados na republica das letras. *Redacção, rua Castello, 24, Lisboa.*

Indoctus.

Boletim do Collegio

—Bom o estado sanitario.

—Houve mais admissões em março.

—A sahida para ferias e a volta para o Collegio realisaram-se com bastante regularidade.

—Os alumnos que têm de fazer exames de instrução primaria ficaram no Collegio durante as ferias da Paschoa.

—Os alumnos que fizerem exame de instrução primaria terão oito dias de ferias em seguida ao exame; depois principiarão para elles as aulas de francez e portuguez.

Scholasticus.

Boletim da A. de S. Luiz

—Um grupo de collegiaes promoverá um *bazar* de prendas em beneficio da Associação.

—Já está em preparação a bandeira da

Associação. Sera bordada a matiz e ouro por uma senhora que generosamente offereceu os seus servicos.

—No dia 18 de março realisou-se a sessão mensal.

Tomou a palavra o sr. Presidente Nato para agradecer ao redactor da «Crença & Letras» o ter offerecido á Associação a 3.^a serie da Revista, para informar os socios presentes sobre o estado financeiro da Associação, para frizar que de modo algum legaria um *deficit* á gerencia futura, muito embora a festa houvesse de ser mais modesta do que a do anno transacto, e para lembrar a conveniencia de se promover um *bazar*. Referiu-se tambem (e n'este ponto as suas palavras foram unguidas de viva commoção) á visivel intervenção de S. Luiz a favor do socio enfermo M. J. Coimbra.

Falou em seguida o socio rev. Henrique Gomes, propondo que, no intuito de tornar cada vez mais religiosa, mais pratica e mais util a Associação, cada socio fosse obrigado a rezar todos os dias tres Ave-Marias pelos socios enfermos e pelos benfeitores. Foi approvada. Falaram ainda os socios Luiz Augusto d'Araujo e José Ferreira Leite e rev. Henrique Gomes. Por ultimo falou tambem o socio rev. Antonio Hermano propondo alterações nos estatutos quanto ao modo de fazer a eleição.

Como ninguem mais pedisse a palavra o snr. presidente levantou a sessão.

Socius.

O bem falar

(CARTA)

E' uma prenda que vale muito, caros companheiros, sobre tudo para nós que nos dedicamos a carreiras literarias. E vale porque é de todos os momentos o seu uso e pelo muito que revela do grau de educação e illustração de cada um, e tambem de seu character. Vêdes pois quanto convenha puir de vicios a palavra—o orgão exteriorizador de toda a vida do espirito.

Ora, para que possaes attingir a perfeição no dizer, para que a palavra na simples conversa. ou na exposição d'uma lição ou n'um discurso flua, elegante e clara, cumpre antes de tudo, como base, sa-

ber *conscienciosamente* a grammatica. Se a ignoraes haveis de cair fatalmente em erros sem que mesmo de tal suspeiteis; porque por grande que seja a vocação para o discurso falado ou escripto, mal pôde evitar certos perigos quem não tiver um conhecimento positivo d'algumas regras de grammatica. E' de vôr que não quero aconselhar-vos esse estudo, tal qual o fazeis em vossos primeiros annos de estudantes, sem uma comprehensão nitida e utilisavel das muitas coisas que enfardelaes na memoria; aconselho-vos, isso sim, o estudo *consciencioso e pratico*.

Uma vez posta essa excellentissima base —a grammatica— não heis de descansar como quem chegou a meta, mas sim, fazeis com tenacidade convergir os esforços para a *pronuncia*. Na verdade, o que pronuncia mal, sobretudo o que *sone* os li-naes das palavras, talvez com preguiça de *imprimir a loquella os movimentos* que as articulações exigem, produz um dizer confuso, ás vezes imperceptivel, desagracioso e desageitado e, além d'isso, desattencioso para com seus ouvintes, pois os obriga a um excesso de attenção.

(Continuarei).

Vosso companheiro,

O. L.

O pedante

O pedante avulta entre os muitos productos gafos do nosso tempo. E' o typo da vaidade, da levandade e tambem da vacuidade intellectual. As mais das vezes tenta salientar-se exactamente no que mais pobre é: —*na intelligencia*—. Decóra a preceito umas passagens de bons auctores, faz um colleiro de chistes com sua etiqueta para cada occasião, colhe um farnel de termos magnificos, e a proposito ou a desproposito, impinge essas ricas prendas ao primeiro que tem a desgraça de o supportar e, (oh humana estupidez!) o honito é que tem a fortuna de boquiabrir os nescios que ali vegetam incontaveis como as estrellas do ceo! Outras vezes o patusco pedante quer fazer convergir as attencões do mundo todo (todo!) para a sua figura, bella como um astro do firmamento, e então heis de vê-lo a rir com o bom riso portuguez de chapa, aberto, franco,

casquinado como um alarido! Elle todo (todo!) se burija como uma estatua grega desde a ultima ponta da botina espe-lhante como um crystal até o riquissimo primor da cabelleira, muito mais olente que as perfumarias exquisitas. O *fato* é um milagre sublime da excelsa arte, e então, assenta como uma luva para deixar bem a claro aquella joia typica, mimo e orgulho da patria. Dou vos o mundo inteirinho se ali encontrardes uma prega, um nada, que não tenha consumido benditas locubrações!

E os *gestos*, as maneiras, os simples geitos? que diremos d'essa magestosa e utilissima sciencia em que o pedante não é nada menos profundo? Que graciosissimos movimentos! no andar que enlevo! que poemas n'um volver d'olhos!...

E' pois claro como o sol a pmo que a cabeça do pedante compete em vacuidade com a campanula da machina pneumatica em que se fez o vacuo.

Ironia.

O grupo

O jornal que a Direcção do Collegio costuma publicar no fim da primeira epocha d'exames será este anno illustrado com o grupo dos alumnos reproduzido pelo processo da phototypia.

«Crença & Letras»,

Está a venda n'esta redacção a 2.^a serie da «Crença & Letras» encadernada em percalina. Preço, 800 reis.

Os exames

Brevemente se farão os requerimentos para os exames da primeira epocha.

Como é dos Estatutos do Collegio, a Direcção não consente que requeira sob sua responsabilidade qualquer alumno que não tiver sido dado por habilitado. Os alumnos do Collegio requerem exames no Lyceu de Braga, como aliás é de lei.

No recreio

— Alberto, neste recreio
 não havemos de brincar.
 Vamos andar de passeio
 mansamente a conversar.
 Por certo lembras-te ainda
 d'aquella boa licção
 que tu deste. Era tam linda!
 causou-me tanta impressão!
 Foi no dia 1 de dezembro:
 falava-se em patrio amor.
 Vou ver tambem se me lembro
 do que disse o Professor.
 — A Patria—ouvi-lhe afirmar—
 depois do Pae la de cima,
 e tudo que ha para amar,
 é tudo quanto se estima.
 E' este solo de rosas
 que tanta lindeza tem;
 estas arvores viçosas,
 aquelles montes d'alem;
 o puro ceo que se anila
 em dilatado horizonte;
 o fulvo sol que scintila
 e doira as aguas da fonte;
 as noites de lua cheia,
 que sam por certo as mais bellas.
 quando sosinha passeia
 com meia duzia d'estrellas;
 aquella aragem que impera
 nos murmurinhos do rio;
 os dias da primavera,
 o pôr-do-sol no estio;
 a torrente que os algares
 cava na fria estação
 e vae caminho dos mares
 sempre a ferver em cachão:
 o arroio que se desata
 em cachoeiras no prado,
 e tem areias de prata.
 e alisa o gobo zebrado:
 a torre da nossa igreja.
 a igreja toda caiada.
 o vento que rumoreja
 nas carvalheiras da estrada;
 o muro que se decora
 com arrendados da hera;
 a moita que se enflora
 aos beijos da primavera;
 o passarinho pintado
 que trina em manhans serenas
 e em verde ulmeiro enfolhado
 pendura o ninho de pennas;
 aquelle cantar das sestas,
 dos sinos o alegre som;

o andor armado das festas,
 os anjos da procissão;
 os arcos de murta e flores
 que estão ao pé das escadas,
 com bandeiras de mil côres
 por entre a murta espetadas;
 o foguete que estaleja,
 ou rôla como trovão,
 quando la dentro na igreja
 vae começar o sermão;
 o velhinho a quem as vezes
 costumamos conversar,
 que espichou vinte francezes
 na guerra Peninsular;
 o fumo que em ondas sae
 das chaminés das herdades,
 quando alem o sol descae
 e vão tocar ás trindades:
 a torre de grande altura
 cuja grimpá mal distingo;
 o bom senhor padre-cura
 que diz a missa ao domingo;
 a borboleta iriada
 que pelos campos demora
 e tem na aza doirada
 os cambiantes d'aurora;
 o nosso Mestre sisudo,
 affavel, singelo, bom;
 os nossos livros d'estudo;
 o nosso bello pião;
 a branca, linda capella
 que está no cimo do monte,
 com altar a Virgem bella
 que tem as Almas defronte;
 o doce aroma que exahala
 o jardim ante-manhã;
 o bercinho onde se embala
 a nossa pequena irman;
 o riso que não s'esvae,
 o pranto que nunca ven.,
 a benção do nosso pae,
 os beijos da nossa mãe:
 estes sitios encantados,
 estes rios, estas fontes,
 estas veigas, estes prados,
 estes valles, estes montes;
 enfim, a Patria que amamos,
 depois do Pae de la de cima,
 é tudo quanto presamos,
 é tudo quanto s'estima.
 Já que fruimos a sorte
 de nascermos portuguezes,
 juremos odio de morte
 aos borrachos dos inglezes.

Dias Freitas.

PLINIO, BUFFON E LINNEU

Plinio quiz abranger tudo; parece ter medido a natureza e tel-a julgado muito limitada comparada com a vastidão do seu espirito.

A sua «HISTORIA NATURAL» comprehende, independentemente da historia dos animaes, das plantas e dos mineraes, a historia do ceo e da terra, a medicina, o commercio, a navegação, a historia das artes liberaes e mechanicas, a origem dos usos, emfim, todas as sciencias naturaes e todas as artes humanas; e o que é admiravel, é que em cada uma d'estas partes Plinio fosse egualmente grande, d'uma sciencia pouco vulgar, tendo de tudo um conhecimento profundo.

A elevação das ideias, a nobreza do estylo, mostram claramente a sua erudição profunda: sabía não só tudo que se podia saber no seu tempo, mas tinha essa facilidade de pensamento vasto que faz multiplicar a sciencia: tinha essa delicada reflexão da qual dependem a elegancia e o gôsto, communicando aos seus numerosos leitores uma certa liberdade d'espirito, uma facilidade de pensamentos arrojados, que é o germen da philosophia.

A sua obra, tão variada como a natureza, participa da sua vastidão immensa e do esplendor magico e intenso da verdadeira sciencia.

E', diremos, uma compilação das maravilhas do Universo, mas é tão fiel e feita com tanto poder scientifico e d'imaginação, contem coisas tão novas e tão apreciaveis, que é sem duvida e incontestavelmente preferida a innumeradas obras que se dizem originaes, e que dissertam sobre o mesmo assumpto.

Plinio morreu; mas a sua obra foi e é conhecida por toda a parte, louvada e apreciada por todos os naturalistas d'hoje.

.....

Na estcira de Plinio, vieram Buffon e Linneu.

A historia natural não teria chegado, por certo, ao brilhante logar que occupa na hierarchia das sciencias, se dois dos homens mais distinctos que illustraram o ultimo seculo, não tivessem concorrido, apezar da opposição das suas vistas e do seu character, ou antes por causa d'esta mesma opposição, para lhe dar um impulso tão subido como extenso.

Buffon e Linneu parecem ter possuido, cada um no seu genero, qualidades taes que era impossivel que o mesmo homem as reunisse, e das quaes o conjuncto seria entretanto necessario para dar ao estudo da natureza um impulso tão rapido.

Ambos apaixonados pela sciencia e pela gloria, ambos infatigaveis no trabalho, ambos d'uma viva sensibilidade, d'uma imaginação forte, d'um espirito transcendente, chegaram a obter uma erudição superior; mas cada um seguiu um caminho differente, segundo a direcção particular do seu genio.

Linneu tomou com uma incomparavel sagacidade os caracteres distinctivos dos seres; Buffon, n'um relance fez um estudo completo das relações mais affastadas.

Linneu, exacto e preciso, creou uma linguagem particular para com toda a exacção exprimir as suas ideias; Buffon abundante e fecundo usou de todos os recursos proprios para desenvolver a extensão das suas concepções.

Ninguem melhor que Linneu fez sentir minuciosamente as bellezas com que o Creador enriqueceu profusamente o mundo; ninguem melhor que Buffon pintou a magestade da criação e a impotente grandeza das leis ás quaes ella está sujeita.

O primeiro, horrorisado com o chaos em que a incuria dos seus predecessores deixara a historia da natureza, soube, por methodos simples e definições breves e claras, levar a ordem a esse immenso labyrintho, e tornar facil o conhecimento dos seres particulares; o segundo, descontente da concisão d'escriptores que, na sua maior parte, se contentaram com ser exactos, soube interessar-nos por esses seres particulares pelo prestigio da sua linguagem harmoniosa e poetica.

Algumas vezes, fatigados com o estudo de Linneu imos repousar em Buffon, mas sempre que estamos deliciosamente impressionados com os quadros encantadores de Buffon, queremos voltar a Linneu para ordenar essas encantadoras imagens das quaes receamos não conservar uma ideia senão muito confusa; não é pois o merito mediocre dos dois escriptores que continuamente nos dá vontade e nos mostra a necessidade de passar d'um para outro, ainda que esta continua mudança prove claramente que a um e outro falta alguma cousa.

Buffon e Linneu estudados e lidos em parallelo são d'uma vantagem extrema: um exprime e escreve deliciosamente o que o outro ordena.

Novembro de 93.

Falcão de Lima.

CRUCIFIGE!

Na encosta do Calvario, exangue, da cruz pende o Nazareno: á roda freme a turba nescia e ri e pragueja em côro com os mesmos facinoras amarrados a seus postes, ao lado.

O bando pavido dos poucos amigos afugentou-o o horror da grande tragedia.

O astro d'oiro, alem, no horisonte, esconde-se e vela a face maguada.

Fez-se a desolação lacrimosa e a noite correu a sua cortina de treva.

Jesus Morreu!

Morreu?!

Não, nasceu! O momento tragico de seu alento ultimo foi a radiação pomposa do fanal magnifico da Redempção. Morreu uma civilização caduca, sim, mas nasceu outra, radia da de nunca vistas glorias.

O Christo, o unguido do Senhor, passara pela malfadada

Palestina dispartindo no seio amargurado da multidão sofredora o balsamo de seu coração boníssimo e a luz do seu grande espirito. Os filhos da miseria, á dor affeitos, á escravidão vergados, crescidos na escuridão de mil erros, abeiravam-se do vidente a beber-lhe dos labios divinos os ensinamentos dulcissimos. Extaticos, surpresos, seduzidos pela magia de sua voz, vêm seguindo o Nazareno sublime em suas peregrinações redemptoras.

Iniciava-se o triumpho de uma philosophia nova, principiava a escrever-se o Codigo d'um grande amor.

O apostolado de Jesus penetrou no templo de Jerusalem, subiu até o reducto dos sacerdotes da Lei, investiu com ardor sublime o pharisaismo dominante, pôz á luz a intima verminação ignominiosa da hypocrisia caiada de formosuras, lançou um repto audacioso a tudo o que então havia de mais poderoso e de mais alto, vibrou sobre a velha quadrella o fulmen divino do novo credo e elevou-se na apojadura de seu genio immenso á maior das reformas e das revoluções sociaes.

A voz do justo ecoara em demasia na alma do povo para que a não ouvissem bem sonora os escrivas e os phariseus. Sentiram então avisinhar-se o terminus de suas infamias, estremecer o throno de suas vis imposturas e surgir o esplendor d'uma luz que havia de erguer muito alto o reinado da justiça e da verdade, da liberdade e da egualdade. Presentiram o rugido longiquo d'uma revolução temerosa a cujo impulso irresistivel cairiam para sempre os velhos dogmas de maldição, e se levantaria um templo novo emblemaado pela Cruz.

Um como clarim de guerra chamou á lucta o mundo velho, que a voz do Rabbi feria violentamente. Urgia exterminar o homem que tanto ousava e a ideia magica que elle semeava como tempestade ingente.

Mas como arrastar ao patibulo o prestigioso Nazareno que o povo seguia com fé, com enthusiasmo crescente? A

sua vida era um espelho de innocencia, o seu verbo a verdade mais generosa.

Que importa?

A trama da calumnia porá o crépe do crime onde todos só veem o estrellado da virtude, o Filho do Homem será arrastado perante o irrisorio tribunal da justiça humana e a turba gritando—*crucifige! crucifige!*—exigirá de Poncio a condemnação d'um Deus!

23 de março.

Rodrigo Moreno.

ACOMPANHANDO UM QUADRO ALLEGORICO

OFFERECIDO A UM PAE POR SEUS FILHOS

(Um velho, carregado com um molho de lenha, e com o corpo vergado pelo péso e pelos annos, apoia-se em um bordão: um anjo ampara o molho com uma das mãos, e com a outra aponta para o ceo.)

Sob o péso dos annos avergado,
Da alma boa inda mostra a fortaleza:
Do trabalho a lei Santa não despreza,
Quando é razão ser d'ella desligado.

Mais que o bordão em que se vê firmado,
E' lhe o Anjo guardador força e defeza;
E o premio da virtude e da inteireza
Lhe amostra no ceo puro e sublimado.

Oh! mil vezes feliz o ancião querido
Que, havendo atravessado o mundo ingrato,
Vê sem remorso o espaço percorrido!

E a filhos extremosos quanto é grato
Contemplar do pae terno e estremecido
No virtuoso ancião fiel retrato!

A. Moreira Bello.

A EGREJA CAMPESTRE

Como o sol no seu zenith, refulgente qual diamante, como a aurora radiosa cortejada de aurigeros listões, como o fontinal myosotis marchetado das côres mais captivantes, como o cedro que topeta o firmamento, insensível ao camartello destruidor dos seculos e dos elementos—a igreja campestre a alvejar no povoado, é a auriflamma resplandecente que vilalisa os soldados do Christo na lucta titanica do bem com a furia desenfreada das paixões, é o jardim sempre mimoso cujo perfume se evola em espiraes de virtude e cujo roscio de sanctidade beija as almas candidas.

E' ahi que se esbatem na penumbra do olvido as mais gratas recordações do lar domestico; é ahi que dormem um somno perenne os seres queridos que primeiro nos acalentaram; é ahi, na jazida da morte que repousam as ossamentas de nossos maiores, onde a tremenda Atropos lima o gume venefico da sua fouce para de novo a ensanguentar nas gerações vindouras. Quantas esperanças fencem n'esse horizonte d'alem-tumulo e quantas lagrimas ahi se convertem em mimosas flôres!

Á noute, quando a luz tremula do crepusculo se vae esvahindo á claridade serena da lua, revôa pelas campinas a toada melancholica e sentida do bronze do campanario que convida o homem a balbuciar uma oração mysteriosa, mas singela—as Ave-Marias!

Não exornam a igreja campestre as zimbórias das cathedraes nem a opulencia monastica, nem a arte maravilhosa: ergue-se modesta mas elegante, pequena mas eloquente.

E' n'ella que viçam as mais sublimes virtudes bafejadas pelo halito da santidade que espirala dos labios da innocencia; é n'ella, longe do bulicio do mundo e das lufadas da descrença que o joven se inflamma no amor de Deus, da patria e da familia, e a donzella contemplando a Virgem no seu throno de flores aprende a ser a esposa carinhosa e a mãe desvellada.

O dia mais jubiloso para o povoado é o da celebração do seu orago. Festejam-n'ò as ternas avesinhas que ao raiar da aurora deixam seus ninhos de rosmaninhos e musgos modulando um concerto admiravel de maviosos gorgeios. Festejam-n'ò nas libações de opimo banquete aquelles que a lucta pela vida arrebatou de sob as azas niveas do anjo da familia, mas que de lá, lembrados do saudoso torrão com que a infancia os identificou partem alvoroçados a fruir todos os encantos do lar que primeiro os acalentou. Festejam-n'ò, o templo engrinaldado de vistosos damascos, o Sancta-Sanctorum saturado de incenso, os altares tapizados de boninas, as melodias suaves da orchestra, os repiques festivos dos sinos, os guiões garridos da procissão, as bandeiras multicolôres do adro, o cruzeiro recamado de setins e flôres e o cemiterio alcatifado aqui de candidos lyrios a symbolisar uma saudade infinda que deixou no povoado alguma virgem formosa, alli de azulados myosotis e listrados amores, acolá de roixas violetas e descoradas saudades. . .

Que contraste! Cá fóra, no arraial o sol scintilla resplandecente, tudo é alegria e felicidade; lá dentro, na tremenda mansão d'alem-tumulo campeia melancolicamente a sinistra sombra do cyprestal!

Nem em toda a aldeia sôam os hossanas do contentamento: vê-se, além, na orla do povoado uma habitação modesta onde ha prantos de amargura. Uma joven solitaria e triste, vela um quasi-cadaver.

Depois de espraiar silenciosamente o olhar meigo e debil pelas campinas verdejantes, fixa-o n'um ponto que ao longe alveja, entre-abre os labios nacarinos e assim monologa a sua existencia: «Nasci, como m'ò contava em pequenina minha mãe, envolta nos arminhos da nobreza, acalentada pela chamma ardente do amor materno que crepitava junto a meu berço e bafejada pela esperanza n'um futuro sorridente; mas assim como a ligeira viração da tarde sacode o pollen da flôr quando o seu botão desabrocha e ostenta a matiz de suas petalas, assim o violento furacão da morte me arrebatou os carinhos maternos quando já começava a comprehendel-os.

Moribunda, prestes a transpôr a terrível barreira do tumulto, chama-me para junto do seu leito de dôr e com o olhar fixo em meu pobre pae aponta-me a sua angustia e diz-me :

«Vês, filha, como é dilacerante a dôr d'um pae a quem roubam a companheira de sua vida e deixam um anjo divinal sem as caricias d'uma mãe? Oh! o soffrimento é terrível quando não ha um coração puro e immaculado que o suavise, e uma fada angelica que converta em aljofares suavisantes as lagrimas de saudade que marejam as faces da viuvez. Sê tu essa fada divina, esse anjo consolador, e quando a sua alma se livrar nas azas negras da morte balbucia uma oração e ella o guiará até mim, lá, á eterna mansão dos justos! Não temas a solidão, porque a Virgem não desampara os que n'ella confiam, e acolá, alem da campina, á sombra do cyprestal irás todos os dias depôr sobre a minha campa a homenagem da tua saudade!

.....

E a joven chorava!

Immersa em profunda tristeza e absorta nas suas recordações mais queridas, ia colher uma rosa, a unica que floria no seu pequenino jardim, para depôl-a como uma lagrima na campa de sua mãe: n'este momento ouve um profundo gemido, a joven corre pressurosa junto do leito de seu adorado pae, mas o seu espirito, partidos os vinculos do soffrimento voára aos paramos da immortalidade.

Que desolação, que amargura!

Soluçando tristemente, continua o seu monologo:

«Que me resta agora? viver? para quê, se a existencia é apenas o torcicollar fugidio do raio assim ao desamparo n'esta solidão lacrimosa?

.....

No dia seguinte a igreja despia os damascos que a en-

galanavam, vestia-se de funereo luto e dois ataúdes tristemente passamanados de velludo desciam a valla tumular ao som melancholico dos *requiem* e dos gemidos do campanario!

Coimbra.

Azaredo Maia.

MEDITAÇÕES

Noite de Natal

A mais bella das noites que o anno conta!

A mais sentimental e a mais civilisadora!

E' um beijo dado pela religião na face da humanidade.

E' um hymno entoado pelo mundo crente em honra do bambino de Nazareth.

N'essa noite amovel o *pax* angelical ouvido dos zagaes bethlemicos vae nas azas da alegria, fulgido como um lume, poisar de manso no colmado dos tugurios como nos zimborios dos palacios e rorejar o aljofar da felicidade no coração penado dos que mendigam, como na alma gososa dos que alto vivem.

Que festa! E' a festa da fraternidade e da egualdade, é a festa do amor mais sancto, do amor que mais commove, do amor que mais vincula, do amor que mais moralisa, do amor que mais sublima a piedade, a honra, a abnegação, a caridade, o patriotismo — o sacro amor da familia —.

O dia dos mortos

O dobre dos sinos vae levando ao longe na afflicção de sua toada, lagrimas e soluços que nos lançam sobre a alma o crepe do pavor.

Dia de finados!

Que tristeza amarissima! hontem a vida turgente de gozos, o horisonte formoso como um halo d'oiro, um baloiço doce de esperanças, uma alacridade crystalina... hoje um

punhado de pó n'uma campa rasa, sem uma saudade, sem uma prece talvez!

Dia de finados!

Ai! como é frio e só o chão do cemiterio! e negras e tristes aquellas cruces! e mirrados como ossadas aquelles cyprestes esguios. Oh meu Deus! que dôr envolve tudo ali! até as flores mimosas e os arrendados dos mausoleus ricos e as letras doiradas dos epitaphios não fazem senão carpir!

Dia de finados!

Silencio! ali bem ao pé dos mortos queridos, bem junto d'aquelle pó agora tão quieto, é que é recolher o segredo do viver: a lição que ali se ouve é solemne, pura e sincera: ouçamo-la e meditemos!

A tradição.

A tradição é benefica e é malefica..

E' benefica. Aduna os laços sociaes: abençoa o lar: dá cohesão aos povos: cimenta a religião: robustece o sentimento.

E' malefica. Sobrepõe o sentimento ao criterio: embrióna os preconceitos: entardece e arrefece a energia do progresso: leveda o fanatismo, pae legitimo das convulsões sanguinarias.

Por isso eu não a endeuso nem lhe thuribúlo incondicionalmente á tradição: acato-a mas não me rojo ante ella. Chega a parecer-me archeologico aquelle cliché solemne como um chapen de bicos:—a tradição de nossos maiores—. O fetichismo da tradição dá de si o estacionamento chinez e a consagração deprimente de rotina. Não, não devemos ficar diante da tradição n'um extase budhico; hemos de joeirar d'ella o muito que tem de inutil e acceitar só o que de bom se apure á luz de são raciocinio. Se fossemos a jurar sempre no credo religioso ou scientifico de nossos maiores ainda hoje dobrariamos o joelho ante o Jupiter olimpico.

A honra.

Na consciencia de cada um de nós ha um sancta-sanoto-

rum mysterioso e magnifico: nunes fulgidos povoam-lhe os nichos divinamente talhados na transparencia astral do diamante: é a *crença* que em Deus repousa, é a *esperança* que por elle suspira, é a *caridade* que a miseria beija, é a *justiça* de mãos postas ante a verdade, é a *prudencia* reflexiva, a *fortalexa*, vencido a seus o mal proteiforme, a *temperança* levantando-se radiante e desdenhosa d'entre as negações astutas do mundanismo. . .

D'entre tão pulchros nunes um fulgura para mim muito querido — a *honra* —: desprende-se-lhe da feição soberana um enleio doce e divino que arrouba a alma.

Vão longe os dias em que este sacro nume tinha uma ara em cada coração de portuguez, mas ainda hoje tem fervorosos adeptos que lhe sacrificam e não coram de ajoelhar ante elle perante a insana turba convertida á religião ignobil do egoismo.

A mentira.

Esta comedia social a cuja representação dia a dia assistimos tem sob a polida superficie adamantina um fundo ascoso da mais *pura* lama. A verdade, a candida leda verdade, vestida de luz como os anjos, emigrou dos paizes da civilisação doirada para a alma virgem do selvagem, que vive paredes-meias com a formosa natureza. Reina um reinado absoluto a mentira multiforme! veste se e reveste-se e subtiliza-se com a maga gentileza d'um Protheu! aprimora com artes mil a taça carminada do vicio, adoça-a com o dulcissimo favo da illusão, deixa-a magnifica como uma pixide de cathedral antiga e a humanidade preza do lethargo, sorve-a venturosa!

Infeliz! sorveu a morte! bebcu a illusão! levou aos labios a cicuta!

A civilisação como Dallila perfida havia-lhe preparado a poção lethal para á vontade lhe thesourar as tranças divinas da virtude.

Commemorando o primeiro anniversario da fundação da Associação Leão XIII, em Guimarães

Ao Ex.^{ma} cónego, meu amigo, Dr. Antonio Julio de Miranda

Dera Jezus, o Redemptor Divino,
A' humanidade um infinito amor;
Assegurou-lhe o cel'stial destino
Co'a Santa Egreja de que é fundador.

E, como tudo que o Bom Deus defende,
A mesma Egreja universal, triumphante,
Mais se avigora quando o in'migo entende
Que ella não pôde caminhar avante.

Os seculos passam! os guerreadores fraqueiam!
Que ali p'ra sempre o Salvador ficou;
Nou praevalerunt adversus eam,
Disse, e um interprete entre nós deixou.

Doutos e Santos successores tivera...
Porem agora á Providencia aprouve
Dar-nos um vulto que attrahir soubera,
De toda a parte, quem seus actos louve.

O mundo inteiro reverente admira,
Do Vaticano o prisioneiro amado!
Quem paz deseja, com ardor suspira
Por que se alongue este feliz papado.

Foi bella a ideia de ligar seu nome
A tão proficua aggregação de fieis.
Bem hajam os nobres promotores... retome
Da Santidade o transviado as leis!

Albano Bellino.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA NA INSTRUÇÃO PUBLICA

A PROPOSITO DO CASO URBINO

I

(Continuado do n.º 2)

Imagine-se o que fará com taes exemplos, vindos de cima, e sem as velhas crenças religiosas o educando e o proletario, já irritado pela desigualdade da lucta pela vida.

Contam para o refreiar com a sancção das leis e o castigo dos tribunaes ?

As leis illudem-se facilmente, os tribunaes, os juizes, tambem ás vezes se deixam sobornar... «Desgraçada sociedade, que, para manter os homens na observancia dos seus deveres e no respeito e amor da humanidade contasse só com o receio das penas, com a sancção das leis humanas; tudo isso seria cousa bem fragil, se elles não tivessem um temor mais forte, inilludível, nem contassem com uma sancção sobrenatural, com um tribunal e juiz incorruptiveis», dizia ha pouco J. Simon, a proposito d'anarchistas.

E' difficil ás leis humanas defenderem-nos dos artificios do sabio sem religião nem moral.

Debalde se esforça a Jurisprudencia para bem julgar e extinguir processos volumosos; quanto mais pretende, por novas leis, esclarecer as antigas, tanto mais o artificio e a chicana assalariada, acha novas explicações, engenhosos sophismas para livrar o criminoso.....

Sendo, pois, assim desenrada a educação da maior parte dos nossos moços academicos, que admira a serie de crimes e escandalos que todos os dias ali estamos vendo ?

Não ha outra cousa a esperar da instrucção sem moral, sem fé, sem crenças de qualidade alguma.

E ha muitos annos que andamos n'isto ; e é por isso que vamos mal. Não ha, não temos uma «Constuição» moral, uma «Carta» educadora, que oriente o cidadão portuguez per uma

caminho seguro para um fim determinado e superior. Porisso a nossa instrução tem faltado a todas as suas promessas e tem-se tornado em instrumento d'uma immoralidade assustadora.

Reforme-se pois sem demora a nossa educação escholar, se queremos salvar a sociedade portugueza ; e comece a reforma pelo recrutamento do professorado. Não pode, não deve ser professor todo o homem que sabe que é talentoso. Pestalozzi mal sabia as quatro operações e foi o typo, o grande modelo de mestres. Quantos professores publicos não temos nós, que nas suas prelecções atacam as crenças religiosas da nação, implantando assim no espirito impressionavel dos seus discipulos, o germen fatal da impiedade? . . .

O professor que não fôr um bom conselheiro, sincero dedicado e prudente (o que é um prolongamento da sua missão) não pode nunca occupar a cathedra do magisterio. Não pode ter logar nas fileiras do professorado aquelle que não poder ou não quizer sér ao mesmo tempo educador, profunda e seriamente compenetrado dos seus mais sagrados deveres. Escolham-n'os, porque ainda os ha dignos, ou formem-n'os taes, preferindo a todos *os graus academicos, premios e partidos*, uma acção educadora, um genio moralizador, dotes do bom character.

Taes *graus* só serão valorisados pela superioridade da vida moral.

Ao professor que apenas *intruja* os seus discipulos com o colorido brilhante d'um scepticismo esteril e nebuloso, preferimos aquelle que lhes possa deixar a recordação duradoura d'uma consciencia recta, d'uma character justo e bom.

Reformem-se os programmas d'ensino, introduzindo-lhes alguma moralidade e as indispensaveis noções religiosas, que é por falta d'ellas que vamos de mal em peor, porque *«sans le frein des mocurs le progrès n'est qu'une marche précipitée vers la decadence.»* (J. Simon.) E' por falta da mais elementar educação, e d'ensino bem displinado, que apparecem esses impacientes de todo o jugo de qualquer lei, divina e humana, os ambiciosos, os sofregos do poder, das riquezas e dos prazeres.

Os homens superiores, ainda os mais liberaes, não temem, antes reclamam, hoje, a invasão das ideias religiosas no ensino e educação da mocidade, convencidos como estão de que os professores d'este fim de seculo não serão nem jesuitas nem jansenistas, porque o espirito moderno é contrario a toda a ideia de seita e d'intolerancia.

Haja vista o que acaba de fazer a protestante Allemanha; revoga as leis do *Kulturkampf* de 1872 contra os jesuitas, «porque diz o relator, n'uma epocha em que o socialista, o anarchista tem a liberdade de fallar alto, e de fazer propaganda das suas doutrinas pelo dynamite não se podem expulsar aquelles, que fallam em nome de Deus, e pregam o amor dos homens. . . O imperio allemão abre, pois, as suas portas aos jesuitas, que não teme, porque, segundo a phrase celebre de Bismarck, a Allemanha só teme a Deus».

Nas medidas que o ministerio francez acaba de apresentar contra os anarchistas e que as Camaras e o Senado votaram no mesmo dia, quasi por unanimidade «só faltou um artigo, (disse o deputado B d'Asson) que torne o ensino livre e acabe com as escholae sem Deus ou materialistas». E' a mesma ideia que M. Jaunés apresentou na mesma sessão, sob esta forma poetica: «Tem-se esquecido de mais a velha canção divina que adormecia as penas da miseria humana, e então esta acorda agora mais terrivel que nunca». Essa velha canção a que allude o eloquente deputado é a religião «dos nossos maiores, á qual é preciso voltar».

N'esse original e novo «Parlamento das religiões» que acaba de se realizar em Chicago, no paiz mais livre do mundo, frizou-se bem esta ideia. «A religião (disse o presidente d'esse congresso, unico na historia moral da humanidade) não se extingue; pelo contrario, nada é mais sensivel, mais emocionante, que a intensidade do sentimento religioso, manifestado aqui em todas as linguas do Universo. (1)

(1) Menos na lingua portugueza, porque o nosso paiz não se fez representar; não apparece nunca em taes reuniões...

E' que ella é eterna, como todas as forças da natureza».

Esta necessidade religiosa é hoje tanto mais urgente quanto é certo que a diffusão das luzes e do ensino promove rapidamente ás altas classes dirigentes o filho do operario e do camponez sem educação moral.

Para evitar uma nova invasão de barbaros, mais terrivel de que a primeira, porque virá armada d'essas machinas infernaes que produzem «cyclones de fogo e ferro» é mister, é urgente que uma larga educação moral entre na educação popular.

E o perigo é tão imminente que seria ridiculo, que os estadistas ainda hesitassem sobre a dose em que a instrucção religiosa deve ser dada ao alumno d'hoje para salvar o homem d'amanhã, a sociedade futura.

Em presença da ascensão constante da democracia, dos progressos do socialismo anarchico, da indisciplina dos espiritos, do abatimento dos caracteres, do desregramento dos costumes, é ocioso estar a estudar em que proporções devem entrar no ensino as lições de educação moral e religiosa; é inutil todo o debate e todas as hesitações:—é a educação religiosa que deve prevalecer. *Il faut confier l'enfant aux trois forces autoritaires: le maître, le prêtre et la mère*, disse um grande philosopho.

Quaesquer outros meios de defeza de que até hoje têm lançado mão as auctoridades responsaveis da segurança social têm sido inuteis: a democracia socialista avança a passos de gigante, e é já hoje legião apezar de todo o arsenal das leis repressoras. E' que o remedio está n'outra parte. Não é o policia que pode evitar um envenenamento ou uma *dynamitisação*; não ha habilidade policial capaz d'evitar os crimes dos «habildosos». A policia não está armada contra taes seclerados, e, além d'isso, como na «Opereta» . . . chega sempre *trop tard*. O remedio está, pois, n'outra parte, está nos effeitos da acção religiosa e moral; está n'uma vida nova, que consiste, como no Sicambro da lenda, «em queimar o que por longos annos temos adorado, e em adorar o que tão impiedosamente destruímos. . . »

A. C.